

GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional

OLHAR O MUNDO RURAL

Nº.8 agosto/16



ESPAÇO ASSOCIADO
**Associação
Cultural move
o Porto Judeu**

PÁGINA 3



PROJETOS EXEMPLARES
**Sabores do Chef
continua
a inovar**

PÁGINA 4

PÁGINA 5

PROGRAMA 2007-2013 COM BALANÇO POSITIVO

MAIS DE 170 POSTOS DE TRABALHO CRIADOS COM O PRORURAL



FOTOGRAFIA LUÍS GODINHO



PRORURAL+





CARLA BRETÃO
Tesoureira do Conselho de
Administração da GRATER

editorial

A eficácia da interajuda e da participação

O bom senso dita-nos que da cooperação, da interajuda, das parcerias, da junção de esforços, da participação ativa resulta sempre um melhor resultado que do individualismo.

A coordenação e complementaridade, entre todos os atores ativos, determina necessariamente numa maior eficácia na obtenção dos resultados, sem falar da redução de custos que poderá estar associada. Sendo essencial o respeito e atenção pela importância e papel de cada um, o aperfeiçoamento de experiências menos boas, ouvindo quem está no terreno e lida com as situações no dia-a-dia. No fundo, deseja-se que sejam atingidos os objetivos definidos "à priori" de forma eficiente e com impacto positivo nas instituições, nas empresas, nos participantes, no território e, principalmente, nos destinatários das ações.

Este é um exemplo que a GRATER continua a dar no seu importante papel enquanto Associação de Desenvolvimento Regional, articulando a complementaridade entre programas e iniciativas, com uma intervenção organizativa direta ou participação ativa.

Esta ideia defendida por muitos, mas, por vezes, praticada em menor grau do que o desejado, está patente em todas as ações desta Associação, que apenas não atua quando não está ao seu alcance. E o resultado está patente em muitos projetos de participação, cooperação, parcerias, como em mais uma edição do suplemento Olhar o Mundo Rural. Aqui poderá conhecer melhor, na prática, alguns dos resultados desta forma de atuar da GRATER: não só através da sua participação em diversas iniciativas que podem trazer num futuro próximo uma parceria muito importante ao nível do sector das pescas; bem como o apoio concedido a projetos exemplares, um empresário que quis dar a conhecer um produto diferente à sua terra, e a AIPA (Associação de Imigrantes dos Açores), ela, também, comprometida com a interajuda; bem como a vontade e empenho de outros, como é o caso da Associação Cultural do Porto Judeu, em manter viva a nossa cultura. Por fim, e não menos importante, uma referência à criação de 174 novos postos de trabalho pelo programa PRORURAL entre os anos de 2007 e 2015, contribuindo a GRATER para 40% desse total. Nesta linha de sucesso, posso apenas deixar uma nota de que perante os novos desafios e para que sejam alcançados os mesmos objetivos, ou melhores, terá necessariamente de existir a tal cooperação, interajuda e acima de tudo dar ênfase ao papel de cada parceiro ativo, descomplicando e implementando soluções eficazes, a bem de alcançar impactos positivos no território, na respetiva economia e, nessa medida, na vida das pessoas.



Curiosidades... ...do mundo rural

Preparar a vindima

Quem tem uma vinha ao seu cuidado sabe que é um trabalho de todo o ano. Mal acaba uma vindima, normalmente em agosto e setembro, que é quando a uva está pronta, começa a tratar-se da seguinte – ou, pelo menos, começa a pensar-se nisso. Em fevereiro ou março (tudo depende da proximidade ao mar), podam-se as plantas. Segue-se a monda, trabalho difícil, porque, para ser bem feito, é feito à mão. Depois, de abril a agosto, de 12 em 12 dias, há que sulfatar e, assim, evitar doenças fúngicas – como o míldio, responsável por manchas amarelas, translúcidas contra a luz do sol, na folhagem. É preciso, ainda, apanhar algumas das folhas: as uvas precisam de luz.

Este ano, nos Biscoitos, e em alguns casos, o fruto não apareceu em força, apesar de um começo de ano animador, com uma boa rebentação das videiras. O processo, lembra o presidente da Adega Cooperativa dos Biscoitos, Paulo Mendonça, foi afetado. Culpa-se a ressalga, um fenómeno causado pelo vento e pela ondulação norte, que por três vezes invadiu as curraletas mais próximas do mar. O pior é que a invasão foi tardia.

Além disso, também o céu carregado de nevoeiro, dias e dias a fio, terá influenciado a vida das vinhas, trazendo-lhes doenças. "Há um trabalho de prevenção que fazemos neste campo, mas não podemos fazer muito contra a vontade da natureza", explicou Paulo Mendonça.

Apesar disso, e apesar de tudo, a uva da Terceira, aquela que resistiu, espera-se relativamente saudável.

O certo é que com muita ou pouca uva, o tempo das vindimas, dos cestos de vimes e das mãos cansadas da apanha, está quase aí. Depois, o ciclo repete-se – poda, monda, sulfato – até que novos frutos brotem da terra.



Associação Cultural

Respirar cultura no coração do Porto Judeu

O Porto Judeu é lugar de gente de música e de teatro. Sempre foi. Aliás, se se tivesse mantido no ativo, a primeira filarmónica da freguesia contaria, hoje, com mais de 100 anos. Foi, entretanto, da evolução desse projeto – que acabou por desaparecer com o surgimento de duas novas coletividades – que nasceu, em 2002, a Associação Cultural do Porto Judeu, uma instituição que se tem esforçado por manter vivas as aptidões artísticas de quem ali vive.

Na verdade, a Associação Cultural do Porto Judeu resulta da aglutinação da Sociedade Brianda Pereira e da Sociedade Instrutiva e Recreativa de Santo António, dois grupos de teatro popular que também exploraram a vertente musical. O organismo que hoje existe na freguesia, e que completou este ano 14 de existência, continua a dar espaço a essas duas atividades, ainda que com um enfoque muito maior na música.

A filarmónica, sublinha Márcia Leal, vice-presidente da associação, é a cara do trabalho da instituição e tem vindo, aliás, a ganhar espaço – não só na freguesia, mas também fora dela. Sente-se, onde quer que vá, o carinho pelos músicos e pela evolução que têm vindo a conhecer.

É óbvio o esforço de modernização do trabalho da banda que em 2005 gravou o disco “Sonho de ilhéus”. Francisco Rocha, maestro, tem dado um cunho de contemporaneidade ao repertório que a Filarmónica da Associação Cultural



do Porto Judeu apresenta ao seu público. Há que tornar as sonoridades mais apelativas, quer para quem ouve, quer para quem toca. A atualização do repertório, aliás, também funciona como chamariz para os músicos mais novos.

De facto, a banda, que conta com cerca de 70 músicos – o mais novo tem 10 e o mais velho 70 anos – está constantemente a renovar-se. A escolinha de música que a associação dinamiza atrai crianças e jovens todos os anos e muitos acabam por integrar o corpo da filarmónica. Márcia Leal não tem dúvidas de que a união que se vive no seio da instituição é um dos seus grandes motores e é um dos motivos que justificam, também, a adesão dos mais novos ao projeto. “Uma das coisas mais importantes que temos é a união e quando queremos fazer qualquer coisa, fazemos bem. Isto chama as crianças.

A Associação Cultural do Porto Judeu é uma das instituições mais acarinhadas da freguesia. Ali, combina-se música e teatro, união e dinamismo. O organismo quer crescer e tem planos em carteira, conforme explica Márcia Leal, vice-presidente.

O teatro, é certo, tem ficado para segundo plano. Há alguns anos, voltaram a ser dinamizadas as famosíssimas peças e os atos de variedades do Porto Judeu, mas a verdade, refere a vice-presidente da instituição, é que o teatro exige um esforço suplementar. Há quem esteja interessado em manter viva a tradição e, a Associação Cultural do Porto Judeu quer ser o motor dessa vivência, pelo que a ideia não está esquecida. Bem pelo contrário.

Há, de resto, um projeto grande a ser estudado e trabalhado. Trata-se, pois, da recuperação da sede. O edifício característico, que chama a atenção a quem passa na estrada a caminho de São Sebastião, precisa de obras de beneficiação e de ampliação. A casa merece. Quem a frequenta – não só a associação, mas também instituições de outros pontos da ilha, que vêm, por exemplo, apresentar peças e outros eventos – também.

Nesse processo, consideram, e uma vez que o organismo é uma associação sem fins lucrativos, as ajudas geridas pela GRATER podem vir a ser fundamentais. Tudo está, ainda assim, a ser ponderado.

De qualquer das formas, a Associação Cultural do Porto Judeu vai continuar a dar cartas na promoção e implementação de iniciativas de desenvolvimento, inovação e cooperação nos domínios desportivo, cultural e recreativo. Os catorze anos da instituição são poucos para as ideias que tem e para o que ainda falta fazer.

Depois, a música faz bem, é uma atividade importante e vejo que eles gostam do que fazem. Nós todos os anos dinamizamos um estágio, noutros pontos da ilha, com formadores de fora, e isso também é importante”, avançou.

A Associação Cultural do Porto Judeu tem, na verdade, vários projetos em mãos. É o caso do Festival de Bandas, que este ano, em março, seguiu para a sua quinta edição. Para além de juntar as filarmónicas da ilha, o encontro permite, ainda, momentos de formação para os músicos que as integram. Aquele evento organizado pela Associação Cultural do Porto Judeu tem não só trazido dinamismo às filarmónicas, como lhes tem aberto espaço à inovação.

“A nossa filarmónica, por exemplo, evoluiu muito e isso é uma das coisas que os jovens gostam”, avançou a responsável.



Uma mão amiga para os imigrantes

Na Associação de Imigrantes dos Açores (AIPA), aqueles que escolheram viver na Terceira encontram uma casa de portas abertas. Num ambiente familiar, podem, aqui, solicitar informações para melhor orientarem o seu quotidiano, pedir ajuda quando é preciso, receber formação, aprender português, conhecer quem os rodeia... Na AIPA os imigrantes encontram, enfim, uma mão amiga.

A casa da associação na Terceira é quase nova. Em 2013, o organismo mudou-se para a antiga escola primária da freguesia da Conceição. Só que faltava quase tudo, conforme recorda Emiliania Gaspar, coordenadora do trabalho da AIPA na Terceira. “Tínhamos apenas uma secretária, um computador e uma impressora”, lembra.

O vazio do lugar contrastava com a vontade de fazer coisas, de melhor servir, e foi por isso que o organismo decidiu candidatar-se, naquele ano, aos apoios do PRORURAL geridos pela GRATER. Avançou-se, assim, com o projeto “Jovem imigrante”, que permitiu dotar a infraestrutura com seis computadores e internet, mesa de reuniões, um projetor e um portátil.

“Desde o início da nossa atividade que nos apercebemos que muitos dos nossos imigran-



tes, na maioria caboverdianos, não tinham acesso à internet ou a um computador sequer. Isso atrapalhava muito os mais novos, por exemplo. Sentimos que precisávamos de material para podermos fazer melhor o nosso trabalho”, avançou.

O apoio fez a diferença. Hoje, a AIPA consegue responder às necessidades dos imigrantes mais jovens, sobretudo dos que provêm de meios economicamente desfavorecidos. “A nossa maior preocupação são os jovens que vêm de um contexto económico e social mais

desfavorável, em que os agregados familiares, muitas vezes, não reconhecem o valor da escola. Este material permite-nos ter isso em atenção. Também ajudamos a fazer currículos, já fizemos ações sobre cursos de formação profissional que vão abrir. Damos ajuda em tudo o que vai sendo necessário”, sustenta.

E o necessário é chegar a quem precisa. A antiga escola da Conceição, o lugar da AIPA, tem agora um espaço para formações, para ações de sensibilização, um espaço de reflexão perfeitamente dotado.

Rogério Meneses poderia ter ficado à frente da lavoura do pai, mas não quis. Escolheu, antes, e logo aos 18 anos, aventurar-se na cozinha. Arranjou trabalho num restaurante e deixou-se ficar. A mãe dizia-lhe que tinha jeito, que desde pequeno gostava de meter a «mão na massa», no verdadeiro sentido da expressão. O dom, contudo, descobriu-o mais tarde. Bem a tempo, ainda assim, de avançar com aquele que é um dos espaços de restauração mais consagrados da Terceira.

Abriu há nove anos, o “Sabores do

Na cozinha do “Sabores do chef”

Chef”. Na altura, a novidade e o bom nome das iguarias que saíam da cozinha de Rogério Meneses faziam com que, não raras vezes, os clientes fizessem fila à porta. Esperavam uma mesa onde pudessem sentar-se e apreciar comida feita com o coração. “Foi uma bomba”, lembra o chef, que sempre quis fazer sucesso com um produto diferente. E tem conseguido.

À mesa daquele restaurante saboreiam-se as coisas de cá com toques de contemporaneidade. Há as cataplanas, a carne suculenta, os doces...

Os clientes preferem o peixe, é certo. A escolha recai, normalmente, no polvo e nas lulas – pratos, aliás, que o chef confeciona seguindo as receitas que sempre conheceu. À aspiração de abrir o “Sabores do chef” juntou-se a imprescindível ajuda dos fundos geridos pela GRATER, conforme refere Rogério Meneses. De outra forma, sustenta, teria sido mais difícil dar forma aos seus intentos. Depois foi deixar o sonho crescer, “em dias melhores e outros piores”, com as “cabeçadas” normais de quem anda há anos neste setor.

Esta semana, o restaurante está presente na Feira de Gastronomia da Praia da Vitória. É o representante da restauração da ilha. É mais um desafio a ultrapassar, conforme sublinha o cozinheiro.



Há que agradar quem vem de fora, mas não só: quem é de cá, quem conhece o seu trabalho – e é possível conhecê-lo de perto, porque a cozinha de Rogério Meneses é aberta para quem quiser sentir e cheirar o que se passa lá dentro – merece a mesma consideração. E é por isso que, naquela feira das Festas da Praia, o “Sabores do chef” apresenta dois menus: um baseado nas cataplanas, em pratos mais contemporâneos, e outro nos sabores regionais, como a alcatra, as ovas fritas, a morcela... No fundo, é mais uma oportunidade para consolidar o nome do espaço que, durante todo o ano, na Praia da Vitória, continua a marcar pontos a favor da inovação na restauração terceirense.





Luís Costa, diretor regional das Pescas

Mar 2020 vai potenciar negócios nas comunidades piscatórias

O Programa Mar 2020 e a criação dos Grupos de Ação Local para as Pescas vão impulsionar o surgimento de novos negócios junto das comunidades piscatórias nos Açores, acredita Luís Costa. Segundo o diretor regional das Pescas, já há ideias válidas relacionadas, nomeadamente, com a aquicultura.

A XI legislatura está, agora, na reta final. Que balanço faz destes últimos quatro anos no que às pescas diz respeito?

Apesar do contexto não ter sido o mais favorável, o balanço é positivo, valorizámos o pescado e dignificámos a fileira da pesca com várias medidas implementadas. Refira-se que o setor das pescas ao longo desta legislatura enfrentou novos desafios. Sofremos um corte muito grande na quota do goraz, a espécie com maior valor comercial nos Açores, o que representou para os profissionais da pesca dificuldades acrescidas. Saliente-se, no entanto, que o Governo dos Açores implementou várias medidas de gestão, nomeadamente a criação de um período de defeso, a interdição desta pescaria durante a segunda quinzena de julho de 2015, a divisão das possibilidades de pesca, por ilha e por embarcação e a eliminação da margem mínima de tolerância de 15% no tamanho mínimo de captura. O objetivo destas medidas é, respeitando os códigos de conduta, simultaneamente permitir a recuperação do stock desta espécie, e criar argumentos políticos a favor de um aumento de quota de goraz nos Açores, nas negociações do Conselho das Pescas da União Europeia, em Bruxelas.

Também a captura de tunídeos ao longo deste período decresceu para números nunca registados anteriormente, o que significa que embarcações que se dedicam a esta pescaria com a arte de salto e vara registassem uma diminuição significativa nos seus rendimentos.

No entanto, os profissionais do setor tomaram a consciência de que o desafio que se lhes depara não é o de pescar mais, mas, sim o de pescar melhor e esta consciencialização, associada à melhoria do tratamento do pescado, levou a que se tivesse registado um incremento no preço médio do pescado transacionado em lota ao longo deste período. Para este esforço continuar a ser bem sucedido, é muito importante continuar a diversificar pescarias e promover a valorização de espécies que são hoje menos conhecidas, ou que têm valor em lota mais baixo. Ao longo desta legislatura assistimos à finalização de algumas obras estruturantes para o futuro do setor, nomeadamente o novo porto de Rabo de Peixe, o Entrepasto Frigorífico de Ponta Delgada, as novas lotas de Vila do Porto e da Madalena do Pico, e a instalação de novas máquinas de gelo nos portos da Horta, no Faial, na Madalena, no Pico, e na Praia da Vitória e São Mateus da Terceira.

Gostaria também de destacar durante esta legislatura o arranque da aquicultura nos Açores, com a operacionalização de vários incentivos a

esta atividade, tendo já sido emitida a primeira licença de instalação para um projeto de aquicultura de algas na ilha Graciosa.

E quais são, neste momento, os desafios a ultrapassar e as maiores prioridades a cumprir para impulsionar o setor?

Os maiores desafios de futuro serão também os grandes desafios que se nos deparam no presente: o de pescar menos e valorizar mais o nosso pescado, o de implementar definitivamente a aquicultura na nossa Região, e o de mantermos os níveis de captura adequados à manutenção da sustentabilidade dos recursos. Para se programar uma reestruturação de longo prazo no setor das pescas, o Presidente do Governo Regional nomeou um grupo de trabalho que já apresentou um relatório preliminar com propostas.

No seu entender, qual é a importância do surgimento de projetos privados para o impulsionamento das pescas na Região?

O setor privado empresarial reveste-se sempre de especial relevância para qualquer setor de atividade. É importante frisar que só no setor extrativo existem cerca de 600 empresas de pesca na nossa Região e que cada embarcação é uma empresa.

Há boas ideias e bons projetos a surgir entre as entidades privadas ligadas às pescas?

Sim, especialmente no setor da transformação e no setor da aquicultura existem ideias válidas e projetos que consideramos de interesse para o futuro. A pesca turismo é uma atividade em expansão e a aquicultura é uma área que tem despertado cada vez mais interesse.

Há, aliás, áreas de negócio, relacionadas com este setor, que carecem de maior exploração?

Sim, precisamente na área da aquicultura, onde têm surgido muitas ideias interessantes que estão neste momento a ser transformadas em projetos concretos. Para isso, também o Governo dos Açores contribuiu com a produção de legislação específica e de informação relacionada com áreas favoráveis à implementação desta indústria.

Entretanto, nos Açores, as associações e os gabinetes de ação local estão a avançar com candidaturas para que possam vir a gerir projetos relacionados com o mar e com as pescas. Quais são, na sua opinião, os benefícios de ter, na Região, este tipo de resposta?

O Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC), concretizado nos GAL-Pesca (Grupos da Ação Local), é uma ferramenta que permite às comunidades piscatórias abordar os desafios da escassez de recursos no mar, propondo novas soluções para criação de rendimento alternativo à pesca. São as comunidades piscatórias que passam a determinar os projetos que devem implementar, tendo em consideração o desenvolvimento sustentável das zonas de pesca em locais onde as populações estão desde sempre ligadas ao mar. Esta ferramenta permite a criação de pequenos negócios como, por exemplo, peixarias, pequenas unidades de transformação e projetos de pesca turismo que contribuem para o desenvolvimento das nossas comunidades piscatórias, criam emprego e mais rendimentos para os pescadores.

Durante o último quadro comunitário de apoio à pesca, em toda a Europa, esta medida apoiou cerca de 10.000 projetos e criou mais de 20.000 postos de trabalho.

E qual a importância, no seu entender, de implementar projetos de cooperação, nomeadamente com outras entidades ou gabinetes de ação local de outros pontos do país, para consolidar as respostas e a experiência dos grupos de ação local para as pescas?

As medidas DLBC nunca tinham sido implementadas nos Açores dirigidas ao setor das pescas, mas já existem exemplos concretos de práticas bem sucedidas em muitas comunidades ribeirinhas da Europa que nos podem inspirar e que poderão talvez ser replicadas. Podemos “importar” ideias, práticas e projetos, testados com sucesso noutras comunidades piscatórias. Temos bons exemplos em áreas como o turismo, a restauração, o comércio, a cultura, a biotecnologia ou a aquicultura, áreas que devem ser consideradas como soluções para a diversificação do rendimento na comunidade piscatória.

De resto, que portas podem vir a abrir-se, nos Açores, com a operacionalização do programa Mar 2020?

Investimentos em infraestruturas portuárias e equipamentos tendo em vista dotar o setor de melhores condições de segurança e de operacionalidade, investimentos no setor da aquicultura com o aparecimento de projetos que complementem o setor extrativo e novos projetos relacionados com os Grupos de Desenvolvimento Local de Base Comunitária que poderão criar mais emprego nas comunidades piscatórias.



PRORURAL criou 174 novos postos de trabalho

Entre 2007 e 2015, os projetos financiados no âmbito do PRORURAL - Programa de Desenvolvimento Rural da Região Autónoma dos Açores 2007-2013 permitiram criar 174 novos postos de trabalho, distribuídos igualmente entre homens e mulheres. Os projetos geridos pela GRATER contribuíram com 40% desse total.

Os dados foram apresentados no passado mês de junho, no 10º Comité de Acompanhamento do PRORURAL, que aconteceu em Ponta Delgada. A reunião teve como objetivo último dar conta da evolução do programa durante os seus anos de implementação, bem como apresentar o ponto de situação final.

Das conclusões apresentadas destacam-se a taxa de compromisso de 110,35% do programa, assim como a taxa de execução, que chegou aos 97,25%, e taxa de realização, que alcançou os 88,12%. Para a Autoridade de Gestão do PRORURAL, direção regional do Desenvolvimento Rural, estes valores representam, sobretudo, o esforço que o setor agroflorestal tem efetuado para se modernizar e tornar-se competitivo, bem como o esforço para, ao mesmo tempo, implementar práticas menos nocivas para o ambiente e para a paisagem.

De facto, analisados os mesmos parâmetros por eixo, denota-se que no eixo um, relativo ao aumento da competitividade do setor agrícola



e florestal, a taxa de compromisso foi de 124,73%, a taxa de execução de 98,44%, enquanto a taxa de realização chegou aos 78,92%. No eixo dois, melhoria do ambiente e da paisagem rural, a taxa de compromisso foi de 99,64%, a taxa de execução de 99,45% e a taxa de realização de 99,81%. No eixo três, qualidade de vida nas zonas rurais e diversificação da economia, o primeiro parâmetro alcançou os 41,08%, o segundo os 39,03% e o terceiro os 95,02%. Já o eixo quatro, a abordagem LEADER, obteve 88,73% na taxa de compromisso, 90,26% na taxa de execução, e 101,72 na taxa de realização. Finalmente, no que diz respeito à assistência técnica, o primeiro valor foi de 95,92%, o segundo de 80,12% e o terceiro de 83,53%.

No que diz respeito, em específico, ao eixo quatro, que teve taxas de execução da despesa pública realizada e do total do apoio do FEA-

DER de 91,16%, importa referir que os quatro Grupos de Apoio Local Gestores conseguiram apoiar 335 beneficiários, sendo que a meta era de 350.

Decorreu entretanto, na mesma altura e na mesma cidade, o segundo Comité de Acompanhamento do PRORURAL + que, entre outros pontos de agenda, analisou e aprovou o relatório anual de execução do programa relativo ao ano de 2015. Na reunião foram, ainda, prestadas informações sobre o programa, nomeadamente no que diz respeito aos objetivos traçados na PAC - Política Agrícola Comum para o desenvolvimento rural, e que se prendem com a competitividade da agricultura, a gestão de recursos naturais e ações no domínio do clima e desenvolvimento territorial equilibrado das zonas rurais. Entre as prioridades para aquele setor contam-se o fomento da transferência de conhe-

cimentos e a inovação no que diz respeito à agricultura, às florestas e às zonas rurais; a promoção de cadeias alimentares, nomeadamente nos ramos da transformação e comercialização de produtos agrícolas; a promoção da inclusão social, a redução da pobreza e o desenvolvimento económico nas zonas rurais, entre outros.

O programa em causa, recorde-se ainda, está dotado em 340.486.865,64 euros no campo da despesa pública, sendo que mais de 295 milhões cabem ao FEADER. Cabe a quatro Grupos de Ação Local fazer a gestão do financiamento por projeto: a ARDE - Associação Regional para o Desenvolvimento, da ilha de Santa Maria e concelho de Ponta Delgada em São Miguel; a ASDEPR - Associação para o Desenvolvimento e Promoção Rural da ilha de São Miguel (com exceção do concelho de Ponta Delgada); a GRATER - Associação de Desenvolvimento Regional, da Terceira e da Graciosa; e a ADELIAÇOR - Associação de Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, isto é, de São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo.

Este ano os organismos já abriram, no âmbito do PRORURAL +, 36 concursos, num total de mais de 34 milhões de euros. Foram aprovados e pagos 13 projetos em São Miguel, 18 na Terceira, dois na Graciosa, um em São Jorge e outro no Pico. A maioria, 95,2%, são projetos na área da bovinicultura de leite.





GRATER associa-se à maior feira agrícola da ilha

Entre nove e 12 de junho, a GRATER marcou presença na AGROTER, a maior feira agrícola da Ilha Terceira, que aconteceu na Praia da Vitória. No certame, e com o objetivo de divulgar e promover a sua missão, a associação de desenvolvimento regional voltou a distribuir *merchandising*, tendo dado um enfoque especial ao e-book "Açores numa fusão de sabores", um livro (que dá a conhecer receitas inovadoras passíveis de serem confeccionadas com produtos locais).

A AGROTER 2016, feira que decorreu num espaço de cerca de 5000 metros quadrados – com lugares para a exposição de produtos agrícolas, para o comércio, para automóveis, restauração e animação – contou com *workshops*, *show cookings*, demonstrações e provas de produtos regionais.

Em causa está uma organização da Associação Agrícola da Ilha Terceira (AAIT) e da Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo, em parceria com a Câmara Municipal da Praia da Vitória.

Entidades do setor discutem futuro das pescas

Procurar respostas para os novos desafios que se colocam ao setor das pescas foi o objetivo do fórum internacional que, entre seis e nove de junho, juntou especialistas de vários pontos do globo na cidade da Horta, no Faial. O debate ganha especial relevância numa altura em que se discute – estando, aliás, cada vez mais próxima – a possibilidade de a Região vir a dispor de Grupos de Ação Local Costeiros.

No Fórum Internacional das Pescas dos Açores, onde estiveram presentes participantes de Portugal, Itália, Dinamarca, Espanha, Bélgica e Estados Unidos da América, foi defendido, por exemplo, o potencial da Região para a exploração da aquacultura, não só devido à localização e imagem das ilhas, mas também por causa da biossegurança, da qualidade e da temperatura das águas e da indústria já instalada.

O potencial está, igualmente, patente nos números: hoje, 51% do peixe consumido é criado em aquacultura, sendo certo, de resto, que a procura continua a aumentar.

No encontro na Horta, os especialistas defenderam a implementação de projetos-piloto, bem fi-



nanciados, para avaliar os locais e as condições de desenvolvimento desta metodologia.

ATENÇÕES VOLTADAS PARA O SETOR

Os desafios do setor foram também discutidos no seminário "A pequena pesca: potencial para a sustentabilidade", que aconteceu

nos dias 29 e 30 de junho em Sesimbra. No evento, organizado pela PONG – Pesca (Plataforma de Organizações Não-Governamentais sobre a Pesca), defendeu-se a importância da pequena pesca – que representa, aliás, grande parte do esforço em Portugal – quer em termos ambientais, quer em termos sociais e económicos.

O certame voltou-se, precisamente, para as novas oportunidades decorrentes do Programa Operacional para o Mar – Mar 2020, com o objetivo, até, de lançar as bases para novos projetos nas áreas da comercialização, da diversificação de atividades, da investigação, do associativismo e da higiene e segurança no trabalho.

Major Planeta regressa à Feira do Ambiente



O Major Planeta, a mascote da campanha de sensibilização ambiental “Desliga a luz, liga-te ao planeta”, da responsabilidade da GRATER, regressou à Feira do Ambiente da Praia da Vitória para dar conselhos sobre poupança energética. Na terceira edição do evento, que aconteceu a um de junho, a associação de desenvolvimento regional também distribuiu brindes ligados à campanha.

A III Feira do Ambiente, que acontece no âmbito da comemoração do Dias Mundiais do Ambiente e da Criança, decorreu na tenda junto à Marina da Praia.



Mercado eletrónico aproxima consumidores e produtores de hortofrutícolas

Foi lançado, no dia 19 de julho, no Mercado da Ribeira, em Lisboa, o portal “Smart farmer”, uma plataforma, da responsabilidade da Oikos em parceria com a Fundação Vodafone, que pretende, através de um mercado eletrónico nacional, aproximar produtores e consumido-

res de hortofrutícolas, promovendo sistemas agroalimentares locais.

A GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional esteve presente no lançamento do portal, certame em que participaram, também, o Ministro da Agricultura, Florestas e De-

senvolvimento Rural, Luís Capoulas Santos, a secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho, o diretor-geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Pedro Teixeira, o presidente da Fundação Vodafone Portugal, Mário Vaz e o presidente da Oikos, João Fernandes.

